

Soraia Ferreira

**CONTRIBUIÇÕES MACHADIANAS
PARA AS AULAS DE LITERATURA**

Lavras – MG

2021

Soraia Ferreira

**CONTRIBUIÇÕES MACHADIANAS
PARA AS AULAS DE LITERATURA**

Artigo apresentado ao curso de
Letras/Português da Universidade Federal de
Lavras, como requisito parcial para a obtenção
do título de licenciatura em Letras.

Orientador: José Roberto Silveira

Lavras – MG

2021

RESUMO

A fim de buscar respostas educacionais para alguns dos impasses que cerceiam o letramento efetivo dos discentes do Ensino Médio, o objetivo cogente desta pesquisa incide sobre as perspectivas de inserção da obra machadiana como fonte produtora às aulas de Língua Portuguesa/ Literatura. Assim, esta pesquisa depreende de uma análise reflexiva da narrativa apresentada pela vida e obra do singular Machado de Assis, alinhada aos pareceres do filósofo Theodor Adorno, do educador Anderson Moço e dos renomados críticos literários Antônio Cândido, José Guilherme Merquior e Ana Maria Machado, dentre outras grandes personalidades. Nesse mesmo fluxo, normativas apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para o ensino literário e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) somam-se ao quadro teórico desta pesquisa. Além dos relatos do pensador Pedro Demo que se junta às considerações do sociólogo Paulo Freire. Todos no intento de apoiar o professor de Literatura, a fim de ajudar a transformar os rumos da apropriação da linguagem literária pelos discentes da educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. Educação. Literatura

Introdução

Sob a influência do pensamento filosófico marxista de que a prática da leitura vai além da decodificação das palavras, posto que, é, sobretudo, dominar a habilidade de interpretação do texto lido, saliente que a docência poderá colocar-se como artifício tanto da primeira, quanto da segunda - tanto mais auspiciosa - apropriação do conhecimento.

Alusão às assertivas que conformam à leitura literária o poder do caráter formativo do pensamento autônomo, em *Dialética do Esclarecimento*, os filósofos alemães Theodor W. Adorno e Max Horkheimer anunciam que:

A eliminação do privilégio da cultura pela venda em liquidação dos bens culturais não introduz as massas nas áreas de que eram antes excluídas, mas serve, ao contrário, nas condições sociais existentes, justamente para a decadência da cultura e para o progresso da incoerência bárbara. (ADORNO e HORKHEIMER, 1947, p. 76).

Então, suscito, para a presente pesquisa, a representatividade da obra machadiana para as aulas de literatura, dada a sua proximidade com as considerações acima dos filósofos Adorno e Horkheimer que permeiam a emancipação humana nos âmbitos; cultural, social, ideológico e político.

Dessa forma, haja vista que o ensino literário apresentado aos alunos da educação básica está concentrado à mera memorização e/ou estudo de regras parametrizadas, a mediação do aluno ao aprofundamento fecundo nos textos/obras literárias, processo

acionário de construção da identidade leitora crítica e reflexiva, dificilmente, consolida-se.

Cumprindo com o papel do professor investigador, busco, com o presente trabalho, contribuir com aulas que contemplem material legítimo ao fomento da autogestão da aprendizagem. Pesquisa essa, que permeia o campo da linguagem literária adjudicada aos alunos do Ensino Médio, amparada pela dimensão multifocal machadiana presente em seus gêneros diversificados.

A relevância de tal pesquisa qualitativa dos escritos machadianos, acerca dos conteúdos e das atividades da leitura autônoma dos discentes do Ensino Médio, dá-se pela necessidade de o professor de Literatura cumprir sua função educacional de elo entre o texto literário, os alunos e a leitura proficiente.

Ajustadas às normas educacionais para o ensino literário, encontram-se conexas às recomendações instrutivas do singular Machado de Assis pelos trabalhos dos críticos: Cândido (1977), Merquior (1977) e Ana Maria Machado (2016). Tais registros auxiliam e complementam os fundamentos teóricos para o tema escolhido. Desses ensaios converge o entendimento acerca dos textos literários representarem uma escolha de fato produtora.

Motivada com tal teoria acerca da prática docente eficiente de letramento literário, o presente documento busca delinear-se aos preceitos da BNCC de *“mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas da vida cotidiana, do exercício da cidadania e do mundo do trabalho”* (BNCC, 2017, p. 13), e aos PCN de Língua Portuguesa em *“Utilizar-se das linguagens*

como meio de expressão, informação e comunicação” (PCN, 2000, p. 10), cujos textos fazem parte da parametrização do ensino de literatura para a Educação Básica em nosso país.

Ao incorporar a lira atemporal do mestre da literatura, Machado de Assis, eis que abrolha uma lista não exaustiva do seu rico reforço, principal ponto desta investigação, cujas características incidem igualmente sobre os objetivos maiores deste trabalho.

Arrolam, por exemplo, a valorização das produções literárias nacionais, a contribuição na formação cidadã e emancipada dos alunos, o estímulo ao protagonismo dos estudantes etc. Ganhos que se juntam em uma relação dialógica com as premissas da BNCC e dos PCN para o ensino literário na Educação Básica, de modo particular ao Ensino Médio, e por cujo trabalho do docente de Língua Portuguesa/Literatura faz-se insubstituível.

Já que este artigo ambiciona investigar e aperfeiçoar os conteúdos/atividades literários abordados nas aulas de Literatura, cujos resultados têm se mostrado ineficientes, e justificados pela dificuldade e/ou desinteresse dos alunos, os relatos dos sociólogos Pedro Demo e Paulo Freire constituem, do mesmo modo, imponentes instrumentos no desembaraço da estigmatização dos alunos. Paradigma que lhes evita o acesso ao ensino literário de qualidade, o qual seja aprazível à exaustão de suas carências socioculturais.

Portanto, por este trabalho, dedico-me a análise das possibilidades, dos desafios, das argumentações e benefícios da inserção da herança machadiana às aulas de literatura do nível médio de ensino.

CONTRIBUIÇÕES MACHADIANAS PARA AS AULAS DE LITERATURA

É sabido que uma nação emancipada acerca dos valores sociais e humanos intrínsecos a sua existência tem o poder de atuar efetivamente frente aos desafios que lhe são impostos, intervindo positivamente em sua realidade.

A fim de alcançar uma sociedade consciente do seu poder de transformação, o âmbito educacional tem função decisiva. É o que as contribuições do filósofo Theodor Adorno indicam ao asseverar que:

Emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência. (ADORNO, 1969, p. 182).

Ao buscar respostas sólidas para a estreita relação entre educação e os valores humanizadores firmados com a construção de uma sociedade independente e igualitária, cujos cidadãos tornam-se aptos a exercerem seu direito à liberdade intelectual, idem objetivo maior deste trabalho, continuo a citar Adorno que complementa a afirmação supracitada em:

[...] gostaria de apresentar minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar; mas operar conforme seu conceito

demanda pessoas emancipadas. (ADORNO, 1969, p. 141)

Então, o direito à vivência da democracia é algo que se funde nesse sentido ao ato consciente de ler. Em miúdos, a leitura literária é instrumento catalisador entre o leitor e as efemeridades e nuances do cotidiano, já que viabilizam a compreensão da realidade.

Diante dessa constatação, cabe aos docentes, de modo especial, aos responsáveis por ministrar Literatura, munir seus alunos de potencial linguístico e literário através da riqueza cultural deixada pelos pujantes precursores da obra literária, reafirmando nossa identidade brasileiríssima de ser.

Mas, esse é um trabalho que exige escolhas sólidas, de preferência às nacionais, desde que bem fundamentadas, e na certeza de que despertar nos alunos as habilidades da leitura literária faz-se tarefa desafiadora. Ou seja, os alunos precisam de um (re) conhecimento capaz de atingir, além da simples decodificação de palavras, a envergadura capaz de estabelecer com a obra lida uma relação de proximidade.

Ao citar a necessidade de se manter a solidez das obras trabalhadas, mesmo para aqueles que não se sentiram tocados pela lira machadiana, é preciso reconhecer que há no seu repertório literário singularidades que o trazem para o campo da imortalidade e do inexorável.

Não sendo possível obscurecer o talento nato e inebriante com as letras, Machado de Assis foi então alvo de uma tentativa preconceituosa de “embranquecimento” da sua pele em suas imagens biográficas. Controvérsia que tem sido abatida com projetos de resgate à verdadeira identidade do gênio das palavras.

Então, aproveito o ensejo pelo presente instrumento investigativo para salientar que, embora fosse negro, inserido em uma sociedade ainda escravocrata, não havendo sequer registros escolares que justificassem sua grandiosidade, o pequeno órfão, acometido pelo mal da epilepsia, nascido na periferia fluminense, venceu sua falta de perspectiva, ora atribuída a sua origem racial ora por preconceitos sociais. Problemas esses que insistem em se fazer atualizados em inúmeras situações do nosso dia-a-dia.

Com efeito, a imponência da obra machadiana, pela sua vastidão e atemporalidade, idem a sua excitação ao questionamento da aparente mediocridade social, compõe-se potente instrumento para o professor de literatura na formação da identidade autônoma de seus alunos.

Para tanto é preciso pesquisar e percorrer os caminhos trilhados pelo nosso acrônico Joaquim Maria Machado de Assis (Machado de Assis), e enveredar num tecido muito bem trabalhado dentro da tragédia, do drama existencial, das “farpas” do adultério - comumente presentes em seus enredos - acrescidos de um emaranhado de ironia e/ou sarcasmo.

Para construir suas personagens, Machado as molda com características acentuadamente fortes que trafegam entre o bem o mal, o socialmente aceito e personalidades excêntricas, atributos inerentes à própria essência humana.

Na concepção do escritor, não há distinção entre heróis e vilões, mas sim atitudes, ardilosamente narradas, que persuadem o leitor a separar as personagens do admissível ou reprovável, dentro

das interpelações humanas, características intrínsecas a todos nós na condição de seres socialmente ativos.

Ratifico, ainda, a grandiosidade das letras de Machado de Assis, já que fervilham, nacional e internacionalmente, avaliações abastadíssimas, de crítica e público, cujos registros nunca conseguem esgotar a amplitude de sua obra.

Ao particular Machado de Assis, ou, “Machadinho” como assinara suas cartas endereçadas à amada Carolina Augusta Xavier de Novaes Machado de Assis, a quem dedicou o soneto “*Carolina*”, e por cuja lira tem-se um largo aviso da erudição de sua escrita, há em seu inesgotável fulgor literário de “*Dom Casmurro*” e “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” que não nos permite mensurá-las apenas entre nossas riquezas nacionais, inferindo-lhe a alcunha da universalidade.

Diante da vastidão de seus escritos, o ilustre Manuel Bandeira declara, posteriormente, que a homenagem póstuma à falecida Carolina, tratar-se-á de “*a mais comovente da literatura brasileira*”.

Adiante, o registro de outro incomensurável nome das páginas literárias brasileiras, também deixou a sua contribuição a despeito do protagonismo de Machado:

“*É grande, é imenso, o Machado. É o pico solitário das nossas letras. Os demais nem lhe dão pela cintura.*” (Monteiro Lobato, ABL)

Diante dessas apreciações fulgurosas, procedentes de tão imponentes personalidades do universo das letras, resta-nos prestar reverência à notória aptidão do menino que venceu seus impedimentos

sociais, culturais e raciais, ao sair dos morros fluminenses para eternizar-se no campo literário, de titularidade universal.

Mas, o questionamento quanto à metodologia da sua utilização na prática docente com os jovens leitores ainda precisa ser esclarecido. Para tanto, recorro-me ao talento dos ensaístas e escritores que empreenderam seu tempo e dedicação a solucionar esse dilema.

A escritora Ana Maria Machado registra que é preciso “*Ler o que tem valor artístico, ler criticamente e ler em quantidade.*” (MACHADO, 2016, p. 17). E ainda intercede em favor do direito de todos à tradição literária, não podendo, então, Machado de Assis ser substituído ou subtraído da educação básica, mas sim enredado em práticas docentes melhores articuladas.

A escritora e ensaísta ressalta que cabe ao educador “*orientar as novas gerações para fazerem suas próprias descobertas nos bosques literários, apresentando-lhes um repertório variado de bons textos, de épocas diversas.*” (MACHADO, 2016, p. 130).

Igualmente aclamada e indicada é a obra machadiana pelos críticos literários Antônio Cândido e José Guilherme Merquior que ao discorrerem sobre as produções machadianas, não lhe poupam elogios.

Perante a tamanha recomendação, fica evidenciado que, atrás da aparente normalidade descritiva dos contos, romances, crônicas e poesias do escritor, ainda existe um universo abastado no intento de oferecer aos alunos produtivas aulas de literatura.

Embora a obra machadiana dispense que se advogue em seu favor, vale realçar que ela é ricamente talhada com pinceladas de tragédia, sempre amortecida por um humor que satiriza o contraponto da razão versus loucura. Nesse mote, sua linguagem dialoga,

irremediavelmente, com todo o tipo de leitor, tornando-a imperecível, capaz de amimar o gosto dos alunos, desde que bem articulada, facilitando o processo de ensino-aprendizagem da arte pela palavra.

Trabalhar a obra machadiana, dentro da disciplina de Língua Portuguesa/Literatura, é seguir as recomendações do próprio escritor, cujo trecho retirado do capítulo VII, intitulado “*O Delírio*”, do inigualável “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, temos a seguinte dissertação:

“Mas, por menos curioso que seja sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou em minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.” (Machado de Assis, 1881)

Sua obra o colocara em evidência na Europa, América do Norte e para grande parte do público nacional.

De acordo com o professor Anderson Moço para a revista Nova Escola;

Complexos, questionadores e ricos em ironia. Assim são os contos e romances do nosso maior escritor. Justamente por isso eles podem e devem ser trabalhados a partir do 3º ano - para permitir que as crianças conheçam textos clássicos e aprendam a apreciar a literatura de qualidade. (MOÇO, Anderson. 2008)

A escolha dá-se pelos elementos arditamente articulados em sua escrita, tanto na prosa, quanto no verso. Além do mais, Machado de Assis já fora alvo de grandes investigações e consagrações diversas.

Apresentar aos alunos algo diferente do seu cotidiano, mas que dialogue com os questionamentos internos e externos do seu

tempo, parece-nos ser o gatilho certo para inspirar novos olhares para velhas e saturadas questões socioculturais.

Ele revolucionou a cultura nacional. Mulato, gago e epilético, em pleno período escravocrata, se tornou admirado e respeitado nos mais nobres salões da corte, contando histórias que ajudaram a moldar a noção que temos do que é ser brasileiro (leia mais sobre ele no quadro da página ao lado). Se atualmente é visto como um escritor erudito, um medalhão inalcançável, em sua época Machado era popular. (MOÇO, Anderson. 2015)

Como podemos notar, Machado de Assis é uma obra em movimento, que acompanha a transposição temporal, indicada, portanto, para ser degustada dentro das salas de aulas de literatura e língua portuguesa. O instrumento ideal para desvencilhar a tutela abastardada que vivenciamos nos segmentos sociais corrompendo a liberdade do pensamento humano.

Do ponto de vista didático-pedagógico, a obra de Machado, além de todos os atributos necessários para desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, ainda é repleta de análises psicológicas de seus personagens, introduzindo nos alunos a capacidade crítica-reflexiva das relações sociais.

Para o inestimável valor literário do seu romance realista, *“Memórias Póstumas de Brás Cubas”*, seja reservado lugar de destaque pela dissecação do caráter humano. Mas, o seu repertório ainda nos presenteia com obras do cunho antimonárquico e de pouca simpatia ao paternalismo vigente, do qual se se têm as extraordinárias obras *“Dom Casmurro”*, *“Quincas Borba”*, seguidos de seus clássicos e imperecíveis contos. Em sua escrita, soma-se a crítica do homem burguês alinhada à arte da letra velada que denuncia a inócua idealidade, mas ele o faz com tal requinte que consegue manter cativa

em sua arte, até mesmo aqueles membros sociais que insistentemente tentam acautelarem-se de tais desvios.

Eu, embora inebriada pela sua estonteante análise denunciadora de teor crítico-reflexivo acerca da hipocrisia vivenciada pelos nobres políticos e aristocratas, preciso me atentar para o público jovem da educação básica e deter minha empolgação de apresentá-lhes de antemão leituras tão intensas.

Afinal, a linguagem bem articulada e polissêmica do escritor rendeu-lhe um dicionário próprio, cuja leitura faz-se pertinente para aqueles que se dedicam a mergulhar nas narrativas instigantes do autor.

“É que há um mistério em Machado de Assis” afirma Lúcia Miguel Pereira. (PEREIRA, 2005, p. 331).

Segundo informações disponibilizadas no endereço eletrônico da Academia Brasileira de Letras - ABL, Machado de Assis tinha uma multiplicidade de funções. De acordo com a ABL, o nosso protagonista era “jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo”.

Dada à fartura de gêneros que permeia a escrita machadiana, um ingresso propício de jovens leitores à leitura de fruição, a fim de que não se acomodem a simples “iniciantes”, ao contrário, do gosto pela leitura, os contos machadianos constituem uma engenhosa introdução.

As opções variam entre “*O Espelho*”, “*Singular Ocorrência*”, “*Missa do Galo*”, “*O Alienista*”, “*A Cartomante*”, dentre outros tantos em que o escritor se dedica à análise do caráter humano, sob o olhar único daquele que dominava a arte de narrar o inconsciente, e expurgar tudo aquilo que o homem se nega a assumir.

Essas suas habilidades com as palavras renderam-lhe, por parte do imensurável Carlos Drummond de Andrade, carinhosa e merecidamente, o codinome “*O Bruxo do Cosme Velho*”. Antecipando-se ao que tempo se incumbiu em provar a respeito da sua magia com as palavras de ultrapassar os afastamentos entre o arcaico e o novo, o uso e o desuso, eternizando-o nas páginas de destaque. Elemento extra para a formação da identidade leitora dos alunos.

Devido às inarráveis potencialidades da obra de Machado de Assis que ressoam síncronas com o texto da Base Nacional Comum Curricular - BNCC - não faltam motivos para se trabalhar com esse escritor.

Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente. (BRASIL, BNCC, 2017, p. 70)

Apesar de aparentemente óbvio, o ensino literário ainda encontra muitos obstáculos até alcançar o patamar de construção das habilidades do sujeito emancipado. Um dos problemas é a segregação sociocultural vivenciada em nosso país que resguardou a riqueza de sua obra a um pequeno grupo de privilegiados economicamente.

Como tentativa de acompanhar o dinamismo do ambiente educacional, e objetivando transfigurar as aulas meramente instrumentais em práticas legítimas de letramento proficiente, os PCN também comungam de texto semelhante ao da BNCC.

O currículo, enquanto instrumentação da cidadania democrática deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano para a realização de atividades nos três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, visando à integração de homens e mulheres no tríplice universo das relações políticas, do trabalho e da simbolização subjetiva. (PCN, 2000, p.15)

Na tentativa de driblar a dicotomia teoria *versus* prática, o trabalho docente deve espelhar-se nas mudanças sociais, educacionais, políticas e culturais pretendidas.

Assim, percebe-se que trazer a subjetividade da magia machadiana para os estudantes da Educação Básica, é lançar um desafio para a dimensão do discurso reflexivo. Afinal, como afirma Pedro Demo, "*A meta é a liberação do potencial criativo e a mobilização no sentido de enfrentar e resolver os problemas*" (DEMO, 2004, p.95).

Tendo o exposto acima como um dos basilares para a importância das forças transformadoras das obras literárias, como é o caso da significação do nosso precursor Machado para a escrita literária brasileira, as atenções se posicionam para as aulas de literatura ofertadas na educação básica, alicerce da formação crítica dos discentes.

Mas, para o docente de Língua Portuguesa/Literatura despertar nos jovens e adolescentes alunos do Ensino Médio a leitura pelo prazer de fazê-la, além dos velhos argumentos contraproducentes sobre o ato, a revolução tecnológica do universo digital lança novos desafios no cumprimento dessa tarefa.

Temos uma geração de alunos que ficam a um clique da informação desejada. Nunca a humanidade teve a seu dispor tantas

comodidades, e principalmente, com agilidades que há poucas décadas, inimagináveis. E essa questão avulta o adágio docente, dilacerando toda a sua vontade de inserção dos alunos à leitura literária, já que estar conectados virtualmente é um bem demasiadamente valioso para os jovens discentes, ao qual o livro com páginas e mais páginas amareladas faz-se aniquilado.

Afinal, o jovem está habituado ao imediatismo proporcionado pelas TICs, e certamente, acaba por exercitar a sua capacidade leitora em textos que lhes chegam pelas telas coloridas dos aparelhos tecnológicos.

Por isso, creio ser essa exatamente a dissolução de nossos enigmas no processo de ensino-aprendizagem literário. O professor de literatura então poderá valer-se das ferramentas digitais no trabalho de leitura de fruição dos seus respectivos discentes.

Nesse ponto o docente pode incentivar seus alunos a obterem novas fontes de conhecimento sem subtrair-lhes o direito à literatura.

O incentivo ao acesso de obras cinematográficas relacionadas, produção de peças teatrais que envolvam a ativação cognitivo-responsiva, questionamentos quanto ao contexto social, econômico, cultural e étnico de produção das obras com a realidade dos alunos, tudo isso faz com que o aluno saia do antagonismo enfadonho da mera leitura impositiva, para exercer o protagonismo de novas e reais experiências.

Em síntese, ensinar literatura é mais que formar leitores que decodifiquem signos linguísticos grafados em uma folha de papel, pois, o trabalho docente é constituído de um conjunto de saberes e habilidades de mediação entre alunos e práticas de leitura em que haja um diálogo entre o leitor e o texto apresentado.

Seguindo a indicação do professor, sociólogo, pedagogo e pensador educacional Paulo Freire, a forma didática, significativa e funcional, a metodologia utilizada nas aulas de literatura são um encurtamento entre os alunos e as produções artísticas e literárias.

A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito. (Paulo Freire, 1967, p. 43)

Portanto, o professor de literatura, ao ministrar suas aulas, deverá apartar-se de meras classificações de formas e abordagens historicistas, como também do enfoque das obras literárias como pretextos para atividades superficiais de memorização de dados bibliográficos e mera oportunidade para o ensino de regras gramaticais, ou identificação/classificação de escolas literárias, ou dados normativos de cunho irreflexivo e pouco criativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados nesta investigação colocam em pauta a discussão sobre o material didático que é trabalhado pelo professor de Língua Portuguesa/Literatura e sua relação com as práticas reais de comunicação.

Nesse sentido, deliberações a respeito da riqueza do nosso acervo literário nacional, dentre outros tantos nomes de peso da escrita brasileira, indicam a lira machadiana como fomento para o ensino qualitativo de literatura no Ensino Médio. Seus contos configuram dados pertinentes para o alvo maior das aulas de literatura, que seguindo as prescrições da BNCC e pesquisadores do âmbito educacional, deverá incidir sobre o letramento literário dos discentes.

Pelas elucidações investigativas e reflexivas, nota-se que a vida e a obra do escritor supracitado aludem questões de ordem política, cultural e artística, e por isso seu estudo constitui-se ferramenta valiosa no combate ao elitismo velado das relações sociais contemporâneas.

À luz de tais considerações, atina-se que o estudo de sua escrita, pelo teor consciencioso dos embates raciais, ideológicos, econômicos e temas transversais configura escolha sólida para assimilação do conhecimento necessário à vivência do protagonismo dos alunos.

Notou-se, ainda, que tão importante quanto à seleção do material trabalhado, são os métodos didáticos e pedagógicos adotados pelos docentes responsáveis por ministrar Literatura nos últimos anos do ensino básico escolar.

O processo de aprendizagem da leitura literária constrói-se a partir do momento que o próprio aluno possui a capacidade de autogerenciar sua forma de transformar o texto lido em conhecimento para além do ambiente escolar.

Por essa determinação, é possível entender que o sistema de ensino deve atentar-se ao processo educativo e estar aberto a reorganizações dos aspectos teóricos, práticos e metodológicos de letramento dos educandos.

Avalio que o trabalho do educador deve ultrapassar a mera iniciação das habilidades de reconhecimento conteudista das atividades automatizadas adotadas em sala de aula.

Ao contrário, o professor deve equipar-se dos conhecimentos linguísticos e literários que se propõe a ensinar por meio de programas de formação continuada, e assim assumir com destreza seu papel de mediador entre o conhecimento efetivo e seus alunos.

Talvez, desse modo, o processo de ensino e aprendizagem do letramento literário possa cativar alunos, e não afugentá-los. Transformando, enfim, as aulas de literatura em aprendizado significativo e proficiente, consonantes com análises crítico-reflexivas por partes dos discentes, idem propositura mor deste trabalho.

Ademais, pelo conhecimento obtido pelo presente artigo investigativo relativo à indicação da obra machadiana como parte do conteúdo ministrado nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura, é o caso de notificar os graduandos do curso de Letras/Língua Portuguesa, que a literatura é igualmente instrumento de promoção do desenvolvimento da percepção e compreensão do educando, bem como artifício de repressão e exclusão dos que não a dominam.

Resta, aos graduandos do curso de Letras/Língua Portuguesa, a indicação de que se atentem sobre a importância de um acervo literário capaz de subsidiar as necessidades de letramento dos seus futuros alunos. Essa prática didático-pedagógica os auxiliará a manter uma relação reflexiva consciente com “o quê?”, “por quê?” e “para quê” ensinar literatura.

Dessa maneira, futuros professores de Língua Portuguesa/Literatura, ao lecionar, possam se apresentar despidos dos velhos hábitos preconceituosos que acabam afastando os jovens do seu legítimo direito à literatura, sem ao menos (re) conhecer a sua própria língua, além de apresentar-lhes com propriedade nossas riquezas literárias que, bem trabalhadas, conduzem ao imagético e fecundo gosto pelo texto literário.

Portanto, diante da leitura/pesquisa bibliográfica suscita neste trabalho, é possível entender o estudo do texto/obra literário, salientando neste contexto as produções machadianas, como exercício despertador de ações ativas de cidadania, com posicionamento reacionário contributivo para a formação do leitor fruidor, estímulo gerador das habilidades de fabulação dos alunos e promoção da criticidade desses.

Referência Bibliográfica

ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. In. ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra. 1995.

Biografia e bibliografia do escritor disponível no endereço eletrônico da Academia Brasileira de Letras disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis>

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Brasília, 2017;

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997;

CÂNDIDO, Antônio. Esquema de Machado de Assis, In: _Vários Escritores. 2.ed. São Paulo, Duas Cidades, 1977.

FREIRE, Paulo. **A Educação como prática da Liberdade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1967.

FREITAS, Fernanda. AMARO, Vagner. **Machado de Assis por jovens leitores- 1ª edição. Editora Autêntica.**

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MACHADO, Ana Maria. Ponto de fuga: conversas sobre livros. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.

Machado de Assis em Linha, São Paulo, v. 13, n. 30, p. 1-2. Acesso em agosto 2020

MERQUIOR, José Guilherme. De Andrade a Euclides: Machado de Assis e a prosa impressionista. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.

MOÇO, Anderson. Machado de Assis, um clássico para todos. Publicado em NOVA ESCOLA Edição 215, 01 de setembro | 2008.

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2610/machado-de-assis-um-classico-para-todos>. Acesso em: 28 set. 20.

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/uzEJErKKHCePr5bY4NbSd kbSwTg zg7XpJeRD4BJ4PA2WFzQ2njEhYyWA9ex/machado-de-assis-umclassico-para-todos.pdf>